

ROMÃO: Protagonismo e militância na mídia digital negra ¹

Rosane Aurore Romão Juliano²
Universidade Federal Fluminense - UFF

RESUMO

Este artigo, parte de minha pesquisa de doutorado, busca contextualizar o protagonismo do sociólogo, jornalista, militante do movimento negro e direitos humanos, Marcos Romão. Comunicador que através das mídias sociais e digitais, de grupos de e-mails, blogs, páginas de internet e programas de rádios, combatia todas as formas de discriminações e tentativas de silenciamentos das lutas contra o racismo. Como metodologia utilizo a escrevivência e como referencial teórico autores negros, como a Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Abdias Nascimento, de forma a trazer para a academia epistemologias contra hegemônicas da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: escrevivência; racismo; mídia digital negra; comunicação; Romão.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva contextualizar a luta antirracista do movimento negro na comunicação através da trajetória de vida de João Marcos Aurore Romão, em seu protagonismo, no uso das redes sociais digitais. Marcos Romão, professor, sociólogo, jornalista, Ashoka fellow, precursor na transmissão da luta antirracista, de direitos humanos, da pluralidade da cultura negra no Brasil e transnacionalmente, por meio da comunicação nas redes digitais, de grupos de e-mails, blogs, páginas de internet e programas de rádios virtuais. Do fax às rádios, Romão tinha como premissa básica: “ninguém é ilegal”.

Estando a par do caráter coletivo e transnacional do movimento negro brasileiro, trago à memória que em novembro de 1981, na região histórica do Quilombo de Palmares, na Serra da Barriga, estado de Alagoas, Stokely Carmichael, uma das principais lideranças da Comissão de Ação Não Violenta (SNCC) nos EUA, encontrou-se com a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação PPGCOM-UFF, email drosaneromao@gmail.com

militância do Movimento Negro Brasileiro. Estava presente, nesse momento histórico, o jovem militante Marcos Romão, que tinha um sonho e um objetivo em comum com a liderança dos Panteras Negras e de ativistas antirracistas, traduzidos nas palavras de Carmichael:

Vamos ampliar nossa luta internacionalmente e vamos aliar-nos ao Terceiro Mundo. É a única salvação, estamos lutando para salvar nossa humanidade. Na verdade, estamos lutando para salvar a humanidade do mundo, em cuja conservação o Ocidente fracassou miseravelmente. (2016, p. 37).

E assim, Romão, em sua luta coletiva no movimento negro, criava espaços, produzia estratégias inovadoras em comunicação para que as vozes silenciadas fossem ouvidas e respeitadas, como no SOS Racismo do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - Rio de Janeiro; na embaixada do Quilombo Brasil, em Hamburgo – Alemanha, país em que se exilou por estar ameaçado; e em veículos de comunicação digital como o blog Mamapress, Mamaterra Radio/TV – TV da Rua, SOS Racismo Brasil, QuiGeral Rádio TV.

Neste sentido, busco trazer para discussão na academia toda essa produção. Quando, no Brasil, com o advento das ações afirmativas, os alunos cotistas começam a buscar autoras e autores negros em diáspora, encontram a dificuldade em debater, realizar suas pesquisas, sob a pecha de militantes. Marcos Romão em suas reflexões, indagava qual o nome que se dá aos que sempre fizeram e ainda fazem a academia, com autores e epistemologias hegemonicamente brancas? O que foi esse tempo todo a academia, se não ativista da cultura colonizadora, branca? Por que trazer autoras e autores negros, trazer a cultura negra pelos estudantes negros, é visto negativamente como “ativismo”?

Na própria Universidade Federal Fluminense, tivemos um primeiro Coletivo de Estudantes Negros, o Grupo de Trabalho André Rebouças – GTAR, que em sua militância científica, construiu um campo de saber, de comunicação de novas epistemes, que foi apagada, invisibilizada, epistemicida (CARNEIRO 2005). E tais fatos vêm sendo reproduzidos em toda sociedade, incluindo os meios comunicacionais hegemônicos, que desqualificam esses saberes, essa epistemologia, reforçando a cultura colonizadora, o cinismo da brancura (GUERREIRO RAMOS, 1955). O que nos faz também indagar: como o legado acadêmico do intelectual negro Marcos Romão fornece aportes epistemológicos para o campo dos estudos comunicacionais?

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Registro que esta tese será demarcada pela escrita assinada, autoral e na 1ª pessoa, através da metodologia das escrituras de Conceição Evaristo (2017), e como referencial teórico, utilizei autores que lutaram e lutam por um país / mundo em que todos tenham seus direitos humanos e cidadanias asseguradas, respeitadas, principalmente autores negros contra hegemônicos. Autores da área de comunicação / movimentos sociais e raciais que discutem o racismo, o *apartheid* velado ainda vigente neste país, que impede aos negros o mínimo direito de ir e vir, de morar, de se alimentar, de estudar, de trabalhar, de viver dignamente.

Autores que possibilitem a construção e análise deste projeto, como Conceição Evaristo, Denise Carvalho, Fernanda Carrera, Etienne Balibar, Guerreiro Ramos, Leda Maria Martins, Stockely Carmichael, Stuart Hall, Sueli Carneiro. Em síntese, a partir desses autores entre outros, pretendo abordar numa perspectiva histórica, através da trajetória do Marcos Romão, a sua construção e a dos invisíveis, nem tanto invisíveis assim, as repercussões comunicacionais nas mídias sociais / virtuais na transmissão de saberes:

O movimento negro mundial se pauta pela defesa da pluralidade étnica e multiculturalidade e boa convivência entre os diferentes em todas as sociedades e países que vivamos. O movimento negro não é um movimento identitário. Existe uma linha vermelha entre movimento negro e movimento identitário. Os movimentos identitários, com suas teorias de povos homogêneos, é um movimento racista. O movimento negro é antirracista, por isto somos perseguidos por estes grupos de extrema direita, em todos os países em que brancos estejam sozinhos no poder. (#marcosromaoreflexoes, 2017).

Neste estudo, considero a importância dessas histórias / biografias, marginalizadas, serem reconstruídas pelos que a protagonizam, de serem valorizadas e reconhecidas academicamente como ciência, e socialmente, sendo acessíveis a todos. Que o cinismo contido na frase “não há racismo no Brasil” não seja mais possível de ser repetida. Que vislumbremos uma sociedade em que todos se impliquem, como cita Balibar “a destruição do complexo racista não supõe unicamente a rebelião de suas vítimas, mas a transformação dos próprios racistas e, por conseguinte, a decomposição interna da comunidade instituída pelo racismo”. (BALIBAR, apud STREVA, 2017, p. 48).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar a construção do arquivo de registros da trajetória de Marcos Romão, busco ressaltar a importância de estudos biográficos de intelectuais negros, realizados por também intelectuais negros. Essa trajetória faz parte de uma construção coletiva, isto é, de uma rede de solidariedade entre ativistas do movimento negro e direitos humanos, através dos meios de comunicação virtuais criados para difusão da luta contra qualquer tipo de discriminação.

Ao trazer a interdisciplinaridade de outros campos de conhecimento que pautam a questão da mídia negra, da comunicação jornalística, da diversidade nos espaços midiáticos da comunicação, ainda muito hegemônica, acredito que os registros dessa luta, das estratégias empregadas na comunicação das redes sociais digitais e os resultados da investigação de campo, à luz de um aprofundamento teórico, venham a agregar conhecimento e contribuam na episteme, e, construção de novos legados acadêmicos, contra o racismo na e através das comunicações hegemônicas.

Em que se questione a invisibilidade que ocorre à Marcos Romão como intelectual e ativista negro de relevância para a memória da luta antirracista brasileira. Em que se pergunte, qual a contribuição dos intelectuais negros para a democratização da comunicação? Há uma forma negra de comunicar-se? Quais suas características e/ou potenciais?

E assim, que esta pesquisa produza reflexões e ações para a real implementação de políticas públicas na comunicação, de inclusão em plenitude. Que em síntese, contribua para que o racismo e genocídio de nosso povo negro tenha um basta.

REFERÊNCIAS

CARMICHAEL, S. **O Poder Negro**. In: PEREIRA, A. M. (org.). **O Poder Negro**. Nandyala Editora, 2016, p. 37.

CARRERA, F. **Sarará: memórias de colorismo**. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2024.

CARVALHO, D. O legado do sistema colonial escravagista como base para a gênese do sistema capitalista no Brasil: a persistência do racismo no cotidiano da população negra. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, v. 14, n. 00, p. e021006, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/15223>. Acesso em: 27 ago. 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação/Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade de São Paulo, 2005.

EVARISTO, C. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. **Carta Capital**, 13.05.2017. Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d. Acesso em: 13 mar. 2019.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. In: **Z Cultural**; Revista do Programa Avançado em cultura contemporânea. Ano VIII, n.2. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/?ano=16&edicao=40>. Acesso em: 7 ago. 2021.

MARTINS, L.M. **Afrografias da Memória**: o Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectivas, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3a Ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, A. **Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Edição Fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: FUSP; ed. 34, 2011.

STREVA, J. M. (2017). Colonialidade do Ser e Corporalidade: o Racismo brasileiro por uma lente descolonial. Antropolítica - **Revista Contemporânea De Antropologia**, 1(40). <https://doi.org/10.22409/antropolitica2016.1i40.a41776> Acesso em 5 mai.2021

RAMOS, A. G. R. **Patologia social do “branco” brasileiro**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1955.